



Director literario:
Albuquerque
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Eduardo de Sá
PAPUSSE

BANHO INESPERADO



Raposa Velha conseguiu roubar um belo frango para o seu jantar. Vendo-se perseguido, então, por dois ligeiros, ágeis, lépidos «cow-boys»



e ao ver uma barrica perto dum reservatório cheio de água: — pum...! dá um salto p'ra dentro da barrica e, dentro dela, mal occulto, fica.



Crista de Galo, que entretanto surge, vendo que o caso é sério e o tempo urge enérgicas e heroicas decisões, puxa de dois enormes «pistolões» e, com seu ar pimpão, todo altivez,



faz fogo: — pum, mas ai, errando o alvo, fura o reservatório e põe a salvo Raposa Velha que, a sorrir dos três encharcados, qual déles mais papalvo, se diria levar asas nos pés!

FUGA PARA O EGIPTO



Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA

Montada na jumentinha
que caminha, *toque... toque...*
vai a Virgem e o Menino...
levando-os, como a reboque,
—(*toque, toque, toque, toque...*)—
José, o esposo divino.

Nasce o dia, cai a tarde,
diz-se-ia até que arde o céu
em labaredas vermelhas,
tomba a noite como breu,
brilham astros, mil scentelhas
no lindo cenário hebreu.

Onde irá Nossa Senhora
por 'hi fora sem destino,
toque, toque... ao Deus dará,
levando ao colo o Menino
e, à frente, a pé
S. José
seu adoptivo papá?!

Vai cumprindo a profecia
que a Maria — Mãe de Deus —
certo Anjo lhe anuncia,
baixando dos altos céus:
— «*Foge depressa, Mãria,
foge, foge mais os teus;
leva em teu colo o menino
que, por Destino,
há-de um dia
vir a ser Rei dos Judeus.*

Foge que Herodes, tetrarca,
— (que era o monarca de então)
*temendo ser ofuscado,
em seu esplendor e brilho,
pelo prestígio sagrado
do novo Rei que é teu filho,*
— (*mas Rei que não vem reinar
e sim, apenas, salvar
os pobres desprotegidos*), —
*deu ordem para matar
todos os recém-nascidos!*

*Foge depressa, Maria,
foge e leva o teu Menino,
que, por Destino,
há-de um dia
vir a ser um Rei divino!*

Escutando um tal anúncio
qual prenúncio de tormenta
eis que a Senhora se apronta
e, sobre a sua jumenta,
logo monta,
mal desponta
o alvôr primeiro da luz,
aconchegando no seio,
com enleio,
e muita Fé,
o seu Menino Jesús.

toque, toque, toque, toque...
toque, toque... ei-los que vão...
a jumentinha a reboque
pela mão
de S. José.

Mas, finalmente, chegados,
decorridos doze dias,
por atalhos, penedias,
montes, vales escavados,
a um lugar muito bonito,
preguntou o bom José
a um pobre pequenito,
que passava ali ao pé,
onde estavam.

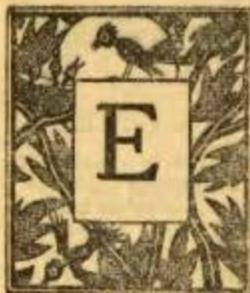
— «*No Egipto,*

Meu santinho?»
respondeu o pequenito
que seguiu o seu caminho.

Então a Virgem Maria,
ao lado de S. José,
sabendo que o seu bebé
já nenhum p'riço corria,
ajoelhou sob a folhagem
duma acácia toda em flôr,
dando graças ao Senhor
pela divina mensagem,

HISTÓRIAS de MINHA AVÓZINHA A BICHA das SETE CABEÇAS

por
Balbina da Costa Gomes
Desenhos de E.M.



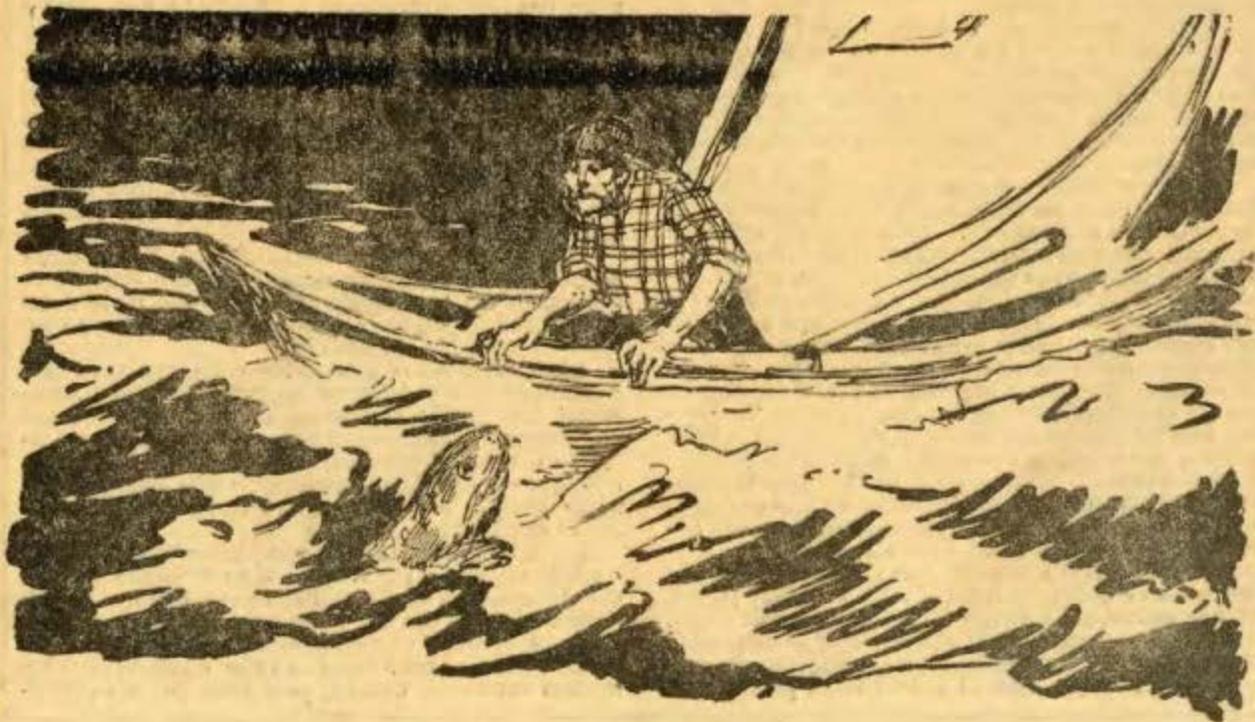
ERA uma vez um pescador muito pobre que costumava ir deitar as suas rédes, depois da meia noite, a um determinado sítio onde a pesca era quasi sempre certa. Numa dessas noites o pescador não estava em maré de sorte e já tinha retirado, pela quinta vez, a réde sem trazer peixe algum; bastante desanimado, não sabendo como arranjar pão para o dia seguinte, para ele e para a mulher, pois o pobre pescador vivia exclusivamente da pesca, deitou

outra vez a réde, pouco esperançoso de que ela trouxesse algum peixe para matar a fome. Porém, qual o seu espan-

to quando, ao puxar a réde, viu uma enorme pescada que lhe disse: «*não me mates, pescador, que te farei feliz!*» O pescador, que tinha bom coração, deitou-a ao mar e, como já estava muito fatigado, voltou para casa, maldizendo a sua pouca sorte.

Na noite seguinte, voltou a deitar a réde no mesmo sítio e, depois de ter pescado algumas enguias, apareceu novamente a mesma pescada. Em lugar de lhe pedir que não a matasse, disse o seguinte: «*Corta-me em dezasseis postas; o rabo e a cabeça comam-no tu e a tua mulher mas as postas enterrem-nas no teu quintal.*» O pescador foi logo para casa, contou à mulher o que se tinha passado e, ajudado por ela, enterrou as postas no quintal.

No outro dia, de manhã, a mulher do pescador foi ao quintal buscar vides para acender o lume e qual não foi o seu espanto quando viu, no sítio onde na véspera tinha enterrado as postas, aparecerem quatro bonitos rapazes que





Logo correram a abraçá-la e a chamar-lhe mãe, quatro lanças, quatro cavalos e, por fim, quatro enormes e passantes leões.

Logo que ponde, vencer o seu espanto, levou-os para casa e chamou o marido, o qual não ficou menos espantado do que a mulher, pois o caso não era para menos, ao vêr que, de dezasseis postas enterradas num quintal, tinham nascido quatro rapazes, pouco mais ou menos de vinte anos, muito bem vestidos e que falavam primorosamente; quatro lanças, quatro cavalos das melhores raças, muito bem arreados com arreios de ouro, e quatro enormes e possantes leões, prontos a obedecerem ao mais pequeno sinal feito por qualquer dos rapazes.

Depois do pescador mostrar a sua alegria pelo aparecimento dêles, disse-lhes que os havia de estimar como filhos que tivessem nascidos de pequeninos, pois tanto êle como a mulher tinham um enorme desgosto por nunca terem tido nenhum filho; foram almoçar e, apesar do pescador ser bastante pobre, o que é certo é que comeram com muito apetite.

Aquele que parecia o mais velho dos quatro irmãos, viu uma circular que o Rei daquele reino tinha mandado espalhar e que dizia o seguinte: — «Aquele que fôr capaz de salvar a princesa de ser devorada pela bicha das sete cabeças, promete que, se fôr solteiro ou viuvo, casará com ela e será o meu sucessor e, se fôr casado, torná-lo-hei imensamente rico». Fazendo-lhe espécie que a filha do mais bondoso Rei estivesse sentenciada a ser comida pela bicha, perguntou ao pescador, seu adoptivo pai, qual era a razão disso. O pescador informou-o de que, tôdos os anos, cada pai de família tinha que dar uma filha para ser devorada pela tal bicha e que, nesse ano, tinha calhado a vez à princesa, acrescentando: — «Estou certo que vocês não tentarão salvá-la». — «Engana-se, meu pai (disseram êles) estamos resolvidos a salvar a princesa e tôdas as outras meninas que de futuro viriam a ser devoradas por essa terrível fera». Pediu-lhes muito o pai e a mãe que não pensassem nisso, pois já tinham chegado muitos príncipes, duques, condes e marquezes e não se sabia para onde tinham ido, que naturalmente, teriam sido devorados pela bicha. Nada, porém, os resolveu a deixarem-se ficar na companhia dos adoptivos pais e os quatro rapazes, montando nos seus cavalos, com as suas lanças e os seus leões, partiram, de-

pois de pedirem aos pais que lhes deitassem as suas bênçãos e que não ficassem tristes porque depressa voltariam.

Depois de cavalgarem algumas horas, chegaram em frente do palácio onde habitava a princesa, a qual, radiante de formosura, estava muito triste, encostada à varanda, à espera que a bicha a viesse devorar. Assim que ela ouviu o trote dos cavalos, levantou a encantadora cabeça e foi grande a sua surpresa quando viu os quatro irmãos tão bem acompanhados; compreendeu logo que vinham para a salvar e, batendo as palmas de contente, pediu-lhes que nunca mais a deixassem.

Após algumas perguntas com respeito à bicha, o mais velho dos rapazes perguntou à princesa: «Que torre é aquela que se avista daqui?» — «É a torre de Bem Fica, quem lá vai lá fica. Também lhe chamam a torre da Má Hora quem lá vai não torna». Ao que êles responderam: — «Pois havemos de lá ir e não há-de suceder-nos mal algum. Quando fôrem horas de matar a bicha, cá estaremos. Pediu-lhes a princesa, tôda chorosa, que não fôsem porque tôdos aqueles que tinham vindo dos seus países para a salvar, tinham ido à Torre e não tinham voltado. Eles repetiram que voltariam e, fazendo uma profunda vénia, lá foram para a Torre.

Chegados lá, entraram para uma sala onde haviam mesas postas para quem quizesse comer. Ao fundo estava uma velha muito feia, com aspecto de bruxa. — «Oh velha o que há aqui que se coma?» Perguntou um dêles. — «Há salada, peixe frito, pão e vinho.

«Bem, serve-nos!» disse êle. — «Não vos sirvo sem primelramente prenderem os animais, pois tenho muito medo» disse a velha. E, por mais que os rapazes dissessem que êles eram inofensivos, a velha não desistiu do seu intento e deu-lhe um cabelo preto, que arrancou da cabeça, dizendo: — «Atai os vossos animais com êste cabelo e, se fôr preciso mostrarem a sua bravura, êles quebrá-lo-hão facilmente».

O rapaz que não era nada tolo, deitou para a estrada o cabelo sem que a velha visse e tirou de dentro de uma das algiveiras um novelo de linha preta com que atou os bichos. A velha assim que viu os animais atados gritou bem alto: — «Engrossa, engrossa, meu cabelão, engrossa». Os rapazes olharam para a estrada e viram o cabelo que a velha lhes tinha dado, transformar-se numa grossa e comprida

da corrente. Saltaram logo para cima da velha, dizendo cada um deles:

«Anda meu cavalo, avança minha lança e esfarracha meu leão».

A velha percebeu logo que a tinham enganado e pediu-lhes por tudo que a não matassem. Eles anuíram, com a condição de ela lhes dizer o que é tinha feito de todos aqueles que tinham vindo para salvar a princesa. A velha, então, levando-os a um grande subterrâneo que estava cheio de homens de todas as classes e que pareciam mortos, disse: *«Untai-os com a banha que está dentro daquela grande lata e vereis que estão apenas adormecidos».* O mais velho puxou do relógio e, vendo que já eram horas de se retirarem para irem matar a bicha, respondeu à velha bruxa: *«Agora não fazemos nada porque temos que ir salvar a princesa mas, depois, voltaremos; aí de ti velha bruxa se se foges; ja subes muito bem, que não fazes nada conosco».*

Chegados ao palácio, puzeram a princesa no meio deles; à entrada da porta principal, os quatro cavalos à frente e os leões à frente dos cavalos. Pouco depois apareceu a bicha das sete cabeças que, que, rápida como uma seta, foi direita à princesa. Saltaram logo para ela, dizendo: — *«Anda meu cavalo, avança minha lança, esfarracha meu leão»* O combate durou apenas alguns segundos e a bicha ficou quase desfeita. Agradeceu muito a princesa e pediu aos seus salvadores que fossem com ela, para os apresentar ao Rei e receberem a devida recompensa.

— *«Não princesa, (disseram os rapazes) nós viemos, unicamente, para vos salvar e, agora, que estais livre de todo o perigo, não mais temos que fazer aqui; se alguma vez precisardes do nosso auxílio, mandai um mensageiro à cabana do pescador Paulo, nosso pai. Viremos imediatamente».* A princesa retirou-se muito desgostosa por não ter conseguido apresentar os seus salvadores ao Rei. Um dos rapazes foi à bicha das sete cabeças e cortou as sete línguas, embrulhando-as num pedaço de seda do vestido da princesa, que tinha cortado, sem ela ter dado por isso. Deitou depois a cabeça para uma travessa, que ficava ao lado do palácio, e voltaram todos novamente para a Torre.

Chegados lá, dirigiram-se logo para o subterrâneo e começaram a friccionar toda aquela gente com a banha que a

velha lhes tinha dado; depois de algumas horas de extenuante trabalho, ficaram todos os cavaleiros livres do bruxedo que a velha lhes tinha deitado. A primeira coisa que disseram logo que voltaram a si, foi: *«Vamos salvar a princesa».* *«A princesa já está salva (disseram os quatro irmãos) vamos mas é matar a velha bruxa, causadora de todos os nossos infortúnios».* É claro que ninguém se fez rogado. Foi obra de alguns instantes, de grossa pancadaria na velha e foi um ar que lhe deu na bruxa.

Quando o mais velho dos quatro irmãos atirou a bicha, esta, por acaso, foi cair à porta dum carvoeiro, que logo pensou em ir apresentar-se ao Rei como salvador da princesa. Para isso lavou-se, vestiu-se com o melhor fato que tinha; espetou a bicha numa espada velha e ferrugenta e, pondo-a às costas, lá foi para o palácio do Rei. O bondoso Monarca acreditou facilmente na intrujice do carvoeiro e, por um pagem, mandou chamar a princesa.

Estava a princesa rodeada de todas as suas aias, pensando no mais novo dos seus salvadores, por quem sentia já um verdadeiro amor. Pondo um manto pelos ombros, seguiu imediatamente o pagem.

Calculai, agora, a aflição da princesa, quando o Rei lhe disse que tinha que casar com o carvoeiro por ter sido ele o seu salvador. A princesa, indignada, protestou que era mentira, que não tinha sido ele quem tinha morto a bicha, mas sim quatro interessantes rapazes, acompanhados por quatro enormes leões e jurava, por alma da sua mãe, que o carvoeiro não passava dum reles intrujão.

O Rei julgando que a princesa estava despeitada, não acreditou no que ela disse, e marcou o casamento para quatro dias depois. A boa nova depressa se espalhou. Não havia ninguém que não soubesse já que a princesa ia casar com um carvoeiro por ter sido o matador da bicha. Soube-o o pescador, primeiro que os seus filhos, e, bastante indignado, exigiu que eles fossem falar com o Rei e que provassem terem sido eles os salvadores da princesa. Obedeceram-lhe os rapazes, sem muito custo, pois todos eles gostavam dela. Assim que eles pediram audiência ao Rei, foram logo introduzidos no salão dos embaixadores. O Rei não tardou em aparecer e, sentando-se no trôno, disse: *«Estou pronto a*

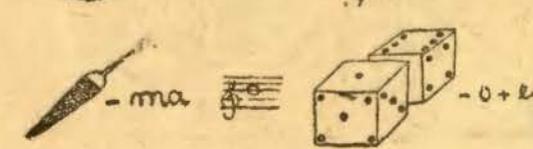
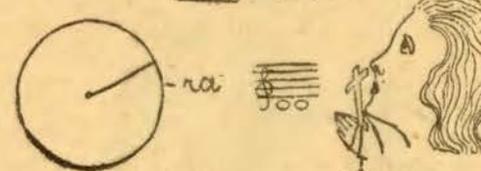
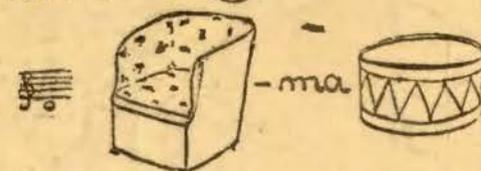
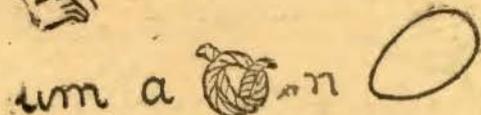
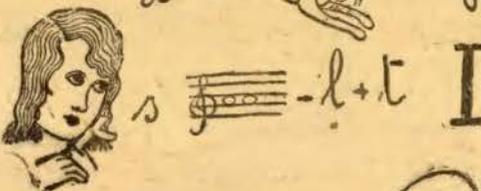
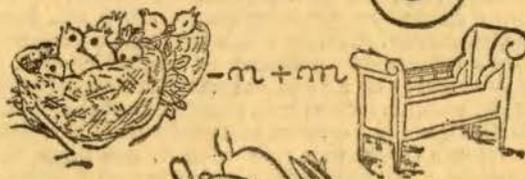
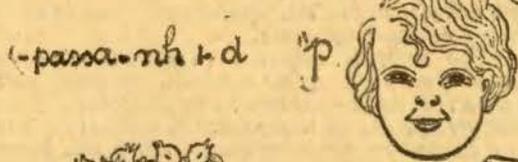
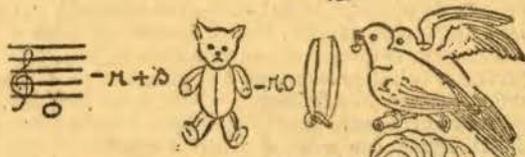
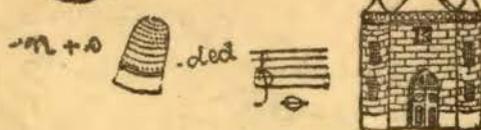
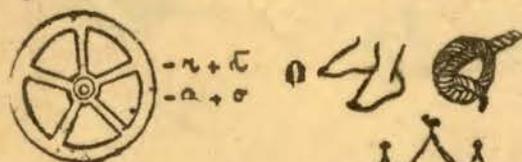
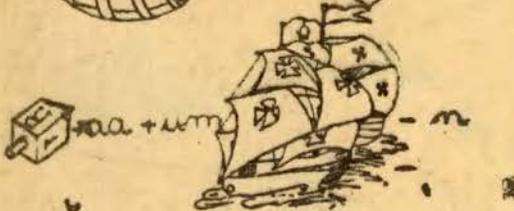
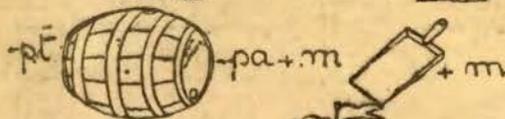
(Continua na página 8)



HORA do RECREIO

CARTA HIEROGLIFICA

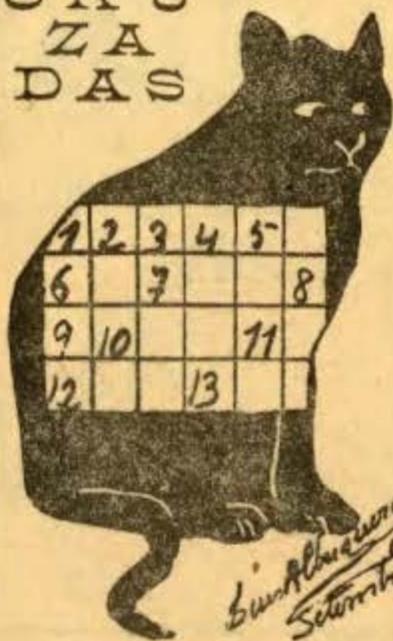
ao PIM-PAM-PUM e seus leitores



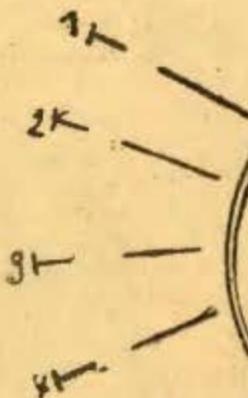
PALAVRAS
CRU
Z
A
DAS

Adivinhas

Juntar uma letra à terminação AR de maneira a formar palavras com a seguinte significação:
1—chão da chaminé—2—porção de água—3—Não é ímpar—4—verbo.



Gato



HORIZONTALMENTE: 1—gerúndio dum verbo—2—não é boa—3—gerúndio dum verbo—4—consoante—5—contração de preposição e artigo—6—antonimo de boa—7—forma de verbo—8—artigo—9—verbo—11—indispensavel à vida—12—curso de agua doce—13—parente.

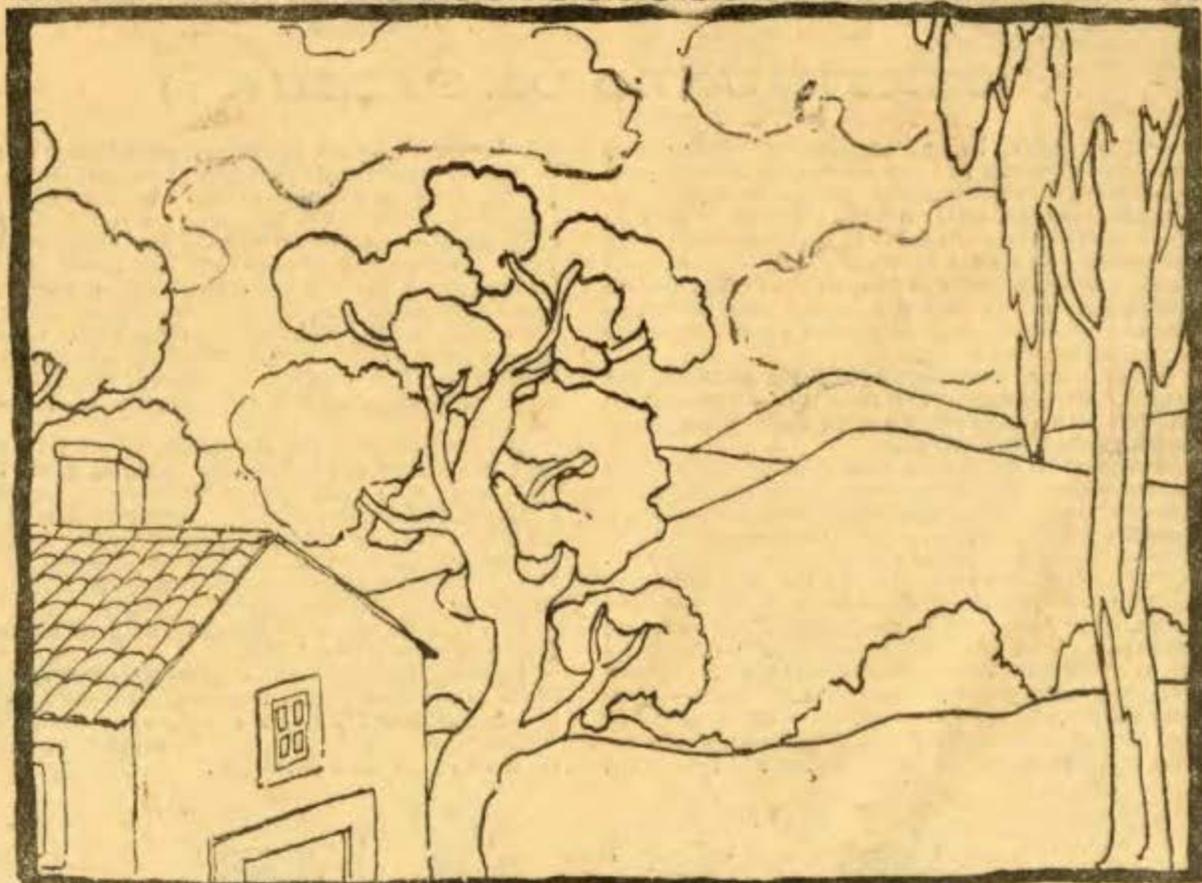
VERTICALMENTE: 1—verbo—2—antonimo de bom—3—indispensavel à vida—4—laço apertado—5—espaço de tempo em que o sol está acima do horizonte—6—porção de água salgada—7—consoante—8—ouro em francés—9—indispensavel à vida—10 e 11—interjeições—12 e 13—consoantes.

—Qual a terra portuguesa que tem o nome de um espada espanhol?

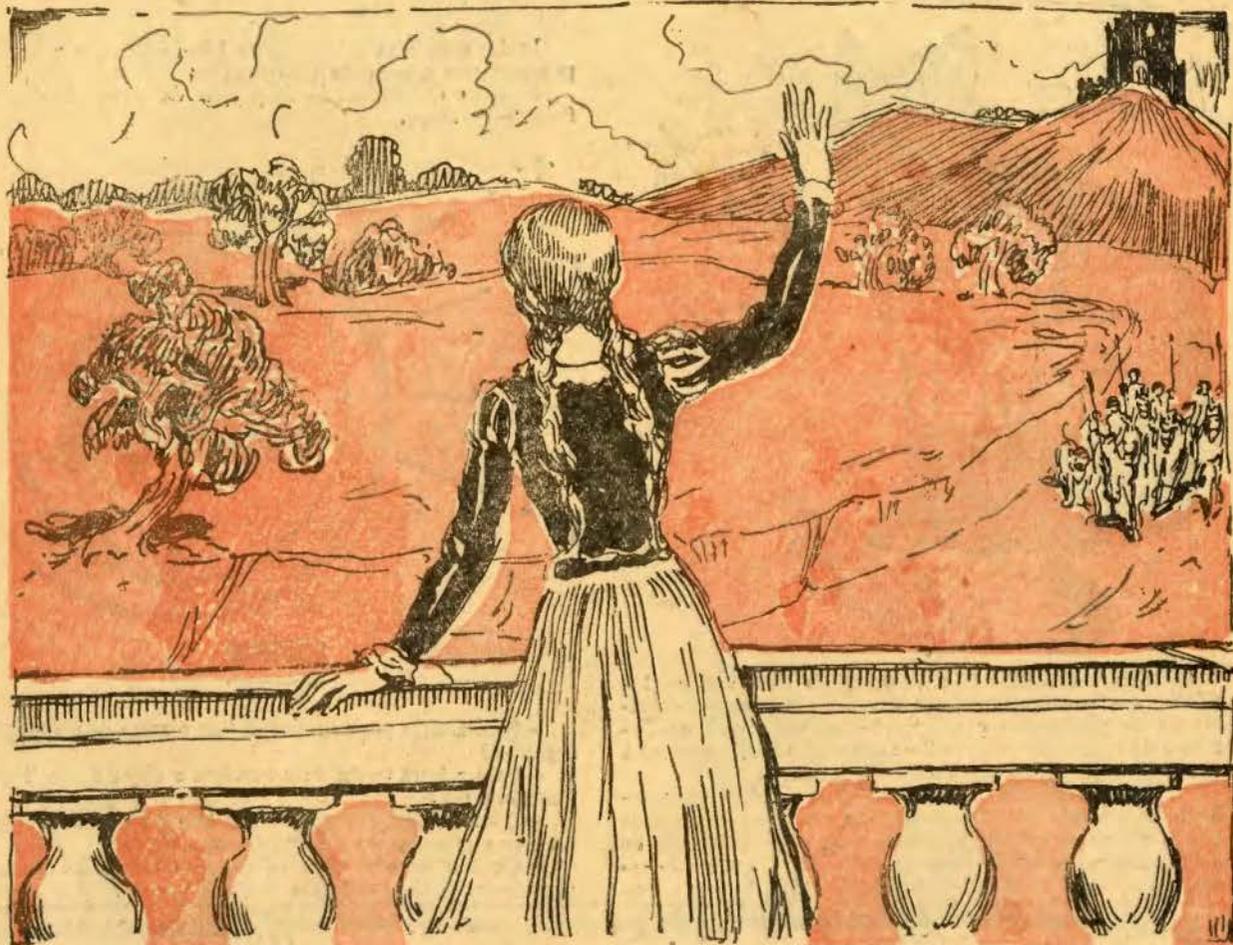
—Qual a terra portuguesa que tem o nome duma fructa que não é má?

—Qual a terra portuguesa que tem o nome dum lugar em que a soberana da monarquia toma banho?

—Qual a terra portuguesa que suprimindo-lhe um A e acrescentando-lhe um E fica nome duna cor?



BONECO PARA COLORIR



(CONTINUADO DA PAGINA 5)

ouvir-vos». «Saberá Vossa Magestade que fomos nós os matadores da bicha das sete cabeças e se não viemos logo dar-nos a conhecer foi porque o nosso único e desinteressado fim, foi salvar a linda princesa por ser a filha do mais bondoso dos Reis». O Rei disse então:—«Eu não duvido das vossas afirmações, mas é claro que é preciso que vocês, diante de toda a minha corte, provejam a verdade do que afirmam, para eu então castigar o carvoeiro».—«Podemos prová-lo quando Vossa Magestade quizer» retorquiram os rapazes.

—«Pois bem, se trazeis convosco essa prova, vou mandar reunir imediatamente toda a corte» respondeu o Rei. Uma hora depois, estava o salão cheio de marquezes, condes, pagens e lindas damas.

O mais velho dos rapazes pediu à princesa que fôsse vestir o mesmo vestido que trazia no dia em que estava para ser devorada pela bicha. Meia hora depois voltava a princesa radiante de beleza. O rapaz disse, então:

—«Tôdos sabem que não há nenhuma boca sem língua; ora se observardes a bicha trazida pelo carvoeiro, vereis que em nenhuma boca encontrareis a respectiva língua. As línguas estão aqui». E, dizendo isto, tirou de dentro da algibeira um embrulhinho, dizendo: «Contas, são as sete línguas das sete bocas da bicha. E não é só esta prova que dou, disse, dirigindo-se à princesa:—«Querá, Vossa Alteza, ter a amabilidade de vir ao pé de mim para se provar que o bocado de seda em que as línguas estão embrulhadas, pertence ao vosso vestido? A

princesa aproximou-se e tôdos viram que o bocado de seda se ajustava perfeitamente ao rasgão do vestido. Depois disso, toda a corte se levantou em pé e levou os quatro irmãos ao Rei, pedindo que lhes desse a devida recompensa e que mandasse matar o carvoeiro. O Rei, então, voltou-se para a princesa e disse-lhe que escolhesse aquele que mais lhe agradasse. A princesa logo respondeu:—«A tôdos estou muito reconhecida e muita pena tenho que não possa casar com os quatro; sobretudo não vos ficais odiando uns aos outros, com a escolha que eu fiz», e, toda ruborizada, escolheu o mais novo, dizendo: «Como apenas tenho quinze anos, escolho este para meu marido e senhor».

Tôdos a felicitaram pela sua escolha; faltava ainda mandar matar o carvoeiro. A princesa implorou, então, dirigindo-se ao Rei: «Não queria que a minha felicidade fôsse perturbada com uma morte, peço, portanto, em nome do mal que esse homem me causou, o vosso perdão».

Anuíram tôdos ao pedido da princesa e, depois do Rei ter dado imenso dinheiro aos três irmãos, retiraram-se tôdos, muito satisfeitos, para casa do pescador.

Com a fortuna que o Rei lhes deu, nunca mais o pescador Paulo precisou de ir à pesca.

Habitam, agora, um grande palácio e vão, de vez em quando, visitar o príncipe e a princesa, os quais, por vontade deles se demoram muitos dias na sua companhia, recebendo as inúmeras festas e travessuras dos seus netinhos, encantadoras crianças, que são a sua alegria.

■ F I M ■